

Família reunida: Thalita, seu esposo, Carlos Victor, e a filha Aurora



tar, repletas de subidas e descidas nos elevadores hospitalares, onde paciência é essencial.

A amamentação, além de seu significado intrínseco, tornou-se a fonte crucial para a saída do filho da UTIN. A conscientização de que cada família, ali, tem sua própria jornada exigiram paciência e perseverança. “Todas as vezes que conseguimos estar com ele (Bento) no colo era o nosso momento de descanso, o mundo e toda a agitação parava, era uma paz senti-lo perto de nós”, relatou Janaína.

Naquela UTIN, formou-se um grupo de mães, uma irmandade que se apoiava mutuamente. O compartilhamento diário de progressos, ganho de peso e a primeira alta no grupo criaram uma união tão forte que cada vitória era celebrada como se fosse a própria.

O momento mais tocante surgiu durante a primeira amamentação, quando mãe e o pequeno Bento se conectaram de maneira profunda. Cada instante ao segurar Bento no colo era um refúgio. “A promessa de apresentar o Sol ao filho foi cumprida pela equipe da UTIN, proporcionando uma experiência simples, mas de significado imenso, e ele amou”, destacou Janaína.

A equipe hospitalar, composta por médicos, o pessoal da limpeza e os copeiros hospitalares, tornou-se uma extensão da família. “Existiam ali anjos que acalmavam nossos corações.” A alta para a maternidade foi recebida como uma festa, na qual todos torciam pelo sucesso do casal e do bebê, e vibravam com cada avanço. Na UTIN, não eram apenas pacientes e profissionais de saúde; eram uma família, unida por uma jornada que transcende os limites da UTIN e perdurará como uma história de fé, paciência e conexão.

Quando a maternidade leva ao inesperado

Na penumbra pós-cesárea, Thalita Iasmim Rodrigues Dutra, 28, recebeu a notícia que mudaria sua vida: sua filha Aurora, que hoje tem 3 meses, precisaria ser internada na UTI Neonatal, logo depois de nascer. “Entre o alívio de saber que receberia cuidados 24 horas e o torpor dos medicamentos, que me deixavam grogue, buscava entender o que havia acontecido e saber o estado da minha filha.”

O desafio começou com o peso, visto que a pequena nasceu com 1,9kg. O respirador foi utilizado apenas no primeiro dia, mas a amamentação só começou após a retirada desse suporte vital. Com apoio de fonoaudiólogas, Thalita e sua filha enfrentam dias de estímulos para a amamentação, tentando vencer a sonolência inicial do bebê.

O processo foi gradual, com Thalita testando diversas posições até encontrar a que funcionava melhor. Paralelamente, ela ordenhava leite no banco do hospital, optando por essa opção, em detrimento da fórmula (leite industrializado), consciente de que o leite materno facilitava a digestão e mantinha a bebê alerta. “Nas primeiras vezes, ela só dormia, às vezes nem abria a boca; em seguida, dava três sugadas, mas depois começou a progredir”, disse a mãe.

As mães na UTIN compartilhavam histórias, fortalecendo-se mutuamente. Thalita, por exemplo, aprendeu que cada demanda diária era uma bênção, uma prova de que sua filha estava viva e bem. A unidade trouxe uma nova perspectiva sobre as pequenas tarefas da maternidade.

Thalita percebeu como se valoriza pouco os momentos simples da vida. A jornada de cuidados diários tornou-se uma celebração pela saúde da filha, na qual a mãe compreendeu a dureza da maternidade nesse ambiente, apreciando a rotina pesada e reconhecendo a bênção de ter uma criança viva e saudável.

“É uma questão de perspectiva. A avalanche que é o início da maternidade, carregada de hormônios, de adaptações e mudanças, tudo junto com o bebê, era tudo que eu queria. Não deixa de ser cansativo, mas minhas maiores lições são que devemos ficar felizes pela saúde de nossas crianças”, reconheceu ela.

O apoio emocional das mães na mesma situação foi um alicerce para Thalita. O compartilhamento de histórias e estratégias tornou o dia a dia na unidade mais suportável. Conversar com mães que entendiam o que ela passava foi vital. “A psicóloga da UTIN me instruiu para ficar com Aurora no colo e conversar bastante com ela, fazendo carinho e mantendo contato visual, para assim começar a criar boas memórias”, recordou.

Os momentos mais memoráveis no hospital incluíram a primeira vez que a filha manteve os olhos abertos, após o banho, e os avanços na amamentação. Cada olhar da filha Aurora e cada momento de progresso fortaleceu a conexão entre mãe e bebê.

A confiança na equipe médica e de enfermagem foi crucial para a tranquilidade de Thalita. Profissionais que transmitiam segurança e conhecimento sobre os cuidados necessários trouxeram conforto em meio às preocupações. O pediatra da filha tornou-se um rosto familiar, proporcionando uma base estável durante essa jornada desafiadora.

Na UTIN, Thalita não apenas enfrentou desafios, mas também encontrou força, apoio e uma nova visão da maternidade — uma história de superação, amor incondicional e celebração da vida.

A visão paterna

Em meio a um turbilhão de emoções, Carlos Victor Mendes, esposo de Thalita, destacou que enfrentar esse período desafiador tornou-se uma jornada de amor. “O coração dividido entre os dois seres mais preciosos, a ansiedade devora noites de sono quase inexistentes. A confiança depositada na equipe de cuidadores é a âncora e a crença firme de que tudo se resolverá”, desabafou.

Segundo o pai de Aurora, cada despertar é uma batalha contra a exaustão e contra os olhos pesados refletindo a luta constante. “Mesmo com todas as condições oferecidas, o ambiente não é o lar, a cama não é a sua. A fé é a bússola, a certeza de que, no final, a união familiar prevalecerá.”

Carlos ressaltou que sair da maternidade sem a presença da filha é regressar ao lar com um vazio, ferida emocional difícil de cicatrizar. No entanto, cada desafio é uma página na história que está sendo escrita. Trata-se da narrativa da superação, do amor que transcende limites e da esperança que se mantém inabalável.

Em sua jornada pela UTIN, Franklin, esposo de Janaína e pai de Bento, revela que testemunhou uma transformação única, experiência que redefiniu sua compreensão da existência. “Nos corredores, deparei-me com cenários inimagináveis. Ser pai de um bebê prematuro ampliou minha percepção sobre a importância de cada minuto e cada detalhe naquela atmosfera delicada”. Para Franklin, cada instante se revelou uma lição e uma oportunidade de aprendizado que moldou não apenas o destino do pequeno Bento, mas também o seu próprio. “Ao deixar aquele ambiente, emergi renovado, enxergando meu filho com uma perspectiva que transcende o comum, atribuindo um valor ainda mais profundo à vida.”

***Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira**